

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRISTARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE MAIO DE 1909

N.º 248

Assumptos religiosos



A fuga para o Egypto
(Quadro de Salgato)

(Cliché de J. Benoit).

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

Filha do extraordinario chronista das *Farpas*, do brilhante escriptor a quem devemos a «*Hollanda*» e tantos outros livros admiraveis, o seu espirito desenvolveu-se n'um meio em que a arte e a litteratura tem culto fervoroso.

Não admira portanto que a alma superior e delicada de D. Bertha de Ortigão Ramos, ao mesmo tempo que se consagra á admiração de quanto produzem de mais bello as modernas litteraturas, tambem se applique a trabalhos artisticos que conquistaram para a illustre dama um logar distincto entre os que em Portugal empunham o pincel e a paleta.

Esposa d'um illustrado *clubman* tambem dotado de fino gosto, vive n'um ambiente em que a par de todos os confortos que pôde



D. Bertha de Ortigão Ramos

dar a opulencia, se gosa um fino perfume de elegancia e cultura intellectual.

No seu palacete do Alto de Santa Catharina, outr'ora pertencente aos grandes industriaes Collares, accumulam-se as obras de arte escolhidas com apurado criterio e excellente gosto, dando á luxuosa mansão todo o relevo proprio da alta mentalidade dos seus donos.

Frequentadora assidua de todos os logares onde se reune a nossa primeira sociedade, a sr.^a D. Bertha de Ortigão Ramos quasi nunca falta aos *rendez-vous* do Campo Grande no seu magnifico automovel *Minerva* nem aos que se realisaram no *Auto-Palace*, figurando a par d'ella suas encantadoras filhas, ambas tão habeis patinadoras como eximias amazonas e grandes jogadoras de *diabolo*.

Durante a epoca lyrica vê-se amiudadamente na sua friza de S. Carlos e tambem frequenta muito o theatro D. Amelia de que seu marido é um dos proprietarios.

No verão passa alguns mezes na sua bella quinta de S. José no lindo valle da ribeira do Jamor e no outomno ou na primavera vae a Paris, a Londres, á Côte d'Azur e a outros sitios, onde apparece não diremos só quem tem dinheiro em abundancia, mas quem sabe gastar-o.

Egroj.

EM FÓCO

Official de artilharia, par do reino, é uma figura de destaque no nosso mundo elegante. Modesto, parece que é preocupação sua occultar o proprio valor.

Os seus camaradas do exercito estimam-n'o pela excellencia da sua camaradagem e pela lealdade do seu caracter.

Na camara dos pares, onde ha pouco entrou por direito heredi-



Conde de Castro

tario, saberá honrar a tradição paterna na cadeira parlamentar como honra cá fóra a farda de official.

Sportman distincto, é um encanto vel-o guiar o seu automovel *Panhard* com uma pericia que lhe dá foros de mestre.

Taes são as qualidades que constituem a sympathica individualidade do conde de Castro.

O BEIJO FEMININO

John Sangers, um inglez riquissimo e muito excentrico como quasi todos os seus compatriotas, emprehendeu ha tempo uma viagem pela Europa e pela America com o fim não de visitar as suas cidades ou admirar os seus monumentos, porque isso faz qualquer creatura vulgar, mas para se dedicar a um estudo agradabilissimo para qualquer homem — seja elle britannico ou chinez.

Não adivinham?!

Pois é muito simples — o sr. John Sangers quiz estudar o *beijo feminino* e parece que effectivamente o estudou a ponto de poder formular as suas opiniões que se resumem no seguinte:

O beijo da ingleza é frio; o da escoceza pouco emocionante, embora nasça do coração; o da italiana é dado com facilidade e sem vislumbre de paixão; o da franceza é agradabilissimo; o da norte-americana é doce, muito doce, mas sem mais expansão; o da mulher scandinava é completamente semsaborão; finalmente, o beijo da mulher hespanhola foi o que mais encantou o *estudioso* inglez — é, diz elle, um beijo difficil de obter, mas quando se consegue leva consigo toda a alma de quem o dá!

Curvamo-nos perante a *sabedoria* do nosso fiel alliado.

D. Vicente Blasco Ibañez



O mais poderoso escriptor da Hespanha moderna acaba de honrar Portugal com a sua visita. E, juntamente com o echo das homenagens effusivas com que Lisboa o acolheu, vibra ainda nos nossos ouvidos a resonancia das palavras eloquentes com que elle mais de uma vez brindou pela soberania, pela grandeza, pelo futuro das duas patrias. O discurso que elle pronunciou em Cintra, rendido e captivado pelas bellezas d'aquella paizagem sem igual, e o que proferiu no dia seguinte, no banquete imponente, em que a intellectualidade portugueza estava representada com brilho, banquete que lhe foi offerecido pelo seu intelligente e honrado editor de Lisboa, o sr. Justino Guedes, são duas peças oratorias, de um encanto e de um vigor, que nunca mais se apagam da memoria, porque vibra n'ellas toda a alma peninsular e como que n'ellas se fundem as mais bellas aspirações da Humanidade.

Artista poderoso da palavra falada e da palavra escripta, por igual a sua eloquencia suggestiva se manifesta e se propaga ao espirito mais rebelde em acceitar o que elle preconise e defenda. E' que uma alta philosophia social atravessa toda a sua obra, repassada por uma corrente de poesia, que a torna ao mesmo tempo fascinadora e immortal. Na viagem que Blasco Ibañez vae fazer ao Brasil e á Argentina como embaixador intellectual do seu paiz, o *Brasil-Portugal* acompanha em espirito o grande escriptor hespanhol, que é hoje a mais radiante gloria litteraria da sua patria.

O terramoto no Ribatejo



Visita de El-Rei aos locais da catastrophe

Em Villa Franca — El-Rei, D. Luiz de Castro e engenheiro Alberto Monteiro

O terramoto no Ribatejo

Visita de El-Rei aos locais da catastrophe

Publicamos hoje alguns instantaneos da visita que El-Rei o Senhor D. Manuel fez ás regiões assoladas pela tremenda catastrophe do dia 23 de abril.

Nessa visita El-Rei mais uma vez demonstrou os seus bellos dotes de coração e o interesse que lhe merecem todos os assumptos do seu paiz.

Percorrendo os locais onde o terramoto mais fez sentir os seus terribes effeitos, Sua Magestade praticou, é certo, um dever que se lhe impunha como chefe do estado, mas não menos verdade é que — o modo como o praticou — lhe dá direito ás maiores sympathias da parte de todos os portuguezes.

O terramoto de 1755 em Benavente, Salvaterra e Samora

O erudito investigador sr. Antonio Baião, funcionario superior do Archivo da Torre do Tombo, trouxe a lume os depoimentos dos parochos de Benavente, Salvaterra e Samora, contemporaneos do terramoto de 1755, ácerca das consequencias do mesmo cataclismo nas mencionadas villas.



O terramoto no Ribatejo. — VISITA DE EL-REI AOS LOCAES DA CATASTROPHE

Sua Magestade em Alhandra vendo as ruinas da casa

onde nasceu Sousa Martins (Cliché de J. Benoitel).

Diz o prior de Benavente, rev. Thomaz de Freitas de Almeida Aguilar.

«No impulso do terramoto de 1755 não experimentou esta villa estrago consideravel, mas só algumas ruinas; dos edificios nobres que mais padeceram a violencia do tremor foi a igreja matriz, mandada fazer pelo senhor rei D. Pedro II, porque as paredes ficaram fendidas e da parte do nascente lhe cahiu metade das cimalthas reaes, e por dentro algum estuque, ficando os telhados todos desconjunctados e as angras divididas; na capella-mór cahiram as columnas e da mesma sorte as grimpas das torres e as cruzes do frontespicio.

As pedras da cimalha, cahindo em cima da capella do Senhor dos Passos, fizeram bastante perda, com a circumstancia ponderavel de que, ficando em cima da tribuna, e mediando só as táboas da talha, sendo bem delgadas, a não penetraram. A maior parte das casas padeceu ruina e a da residencia parochial, ficaram com as paredes fóra do prumo e ainda estão sem reparo e só em cinco ou seis moradas da villa houve total estrago. Na igreja se concertaram os telhados e necessita ainda de se repararem as aberturas. As ermidas ficaram todas arruinadas e se lhe fez concerto, porém a de Sant'Iago está em termos de cahir no chão.»

O parcho de Salvaterra, Miguel Francisco Cerqueira, informou:

«Principiando primeiro pelos logares sagrados, digo, padeceu a igreja parochial d'esta villa uma grande ruina, a qual ainda se não reparou e está quasi dando comsigo em terra; o não se ter já reparado esta ruina tem sido causa ás grandes demoras que tem havido na «Meza da consciencia» com as consul-



O terramoto no Ribatejo

VISITA DE EL-REI AOS LOCAES DA CATASTROPHE

No Carregado — O Senhor D. Manuel, D. Luiz de Castro e conselheiro Cabral Metello

tas. Padecceu a mesma igreja bastante ruina na torre e telhados e a parede da parte esquerda da mesma igreja se acha bastantemente cortada, cujas ruinas ainda se não repararam.

Padecceu a capella real em um zimborio que tem de estuque, porém, já se acha reparada. Padecceu uma ermida chamada de S. Sebastião sua ruina em o arco da capella do dito santo, porém, esta tambem se acha reparada. Padecceu tambem a Misericordia d'esta villa sua ruina em varias partes da mesma igreja, porém, estas já se acham reparadas, e não só para estes reparos, porém, para todos os mais já referidos, concorreu sua magestade com a sua real grandeza, tanto assim, que todos foram feitos á sua custa.

Padeceram tambem grande ruina as casas de audiencia d'esta villa, porque se lhe desabou a parede que cae para a praça d'esta villa, cuja ruina ainda se não reparou. Padecceu tambem grande ruina o paço de sua real magestade, cuja ruina ainda não está reparada. Padecceu mais esta villa em algumas das suas partes ruinas; porém, já se acham reparadas por serem estas de pouca consideração.»

Mais laconico, Manuel Pires, prior de Samora:

«Só padecceu ruina no terramoto de 55 a igreja matriz em telhados, frontespicio, portas collateraes e sacristia. Não está ainda reparada por causa dos despachos que se tem retardado na «Meza da consciencia» a quem pertence.»

Um documento interessante para a historia dos tremores de terra em Portugal

No tomo IV d'uma edição da «Vita Christi», em pergaminho, que se guarda na Torre do Tombo, com a data de 15 de maio do Anno do Salvador de 1495, encontra-se n'uma folha do final o documento autographo d'uma freira, allusivo ao segundo tremor de terra que houve no anno de 1531, que passo a transcrever:

«Na era de 1531 aos vinte e seis do mes de Janeiro a hua quinta feyra amanhecendo antre as quatro e cinco oras depois da mea nocte foy tam grande ho tremor da terra que cairã muytos edificios grandes e antigos e outros novos e muytas casas nas quaes morrerõ muytas gentes e asy frandes nos mosteyros que cairõ tirando n'esta nosa ordem na quall cairõ muyta parte de algus mosteyros e cassas delles e nosso señor seja louvado nõ morreo nenhum e por frigo nenhum nõ ferio tirãdo frey Martinho da Labrugeira guardiã do convento dalemquer que estaua nas virtudes entam e vinha pera ho cartaxo cõ frey vasquo correa guardiam do cõvento de sam francisco de lisboa e dormydo na sameristia das virtudes caio ho campanario todo sobre sãcristia e hua telha ferio ao dito frey martinho de hua ferida pequena na cabeça e por LXXX dias nuca deixou de tremer a terra ora muyto ora pouco e ainda pasou dos LXXX dias (estava nesta cassa entã a señora dona Isabell de bendanha fundadora deste mosteyro e estava fugida de hua peste que etã andava e lixboa) e estava nesta casa o padre frey francisco de lixboa guardiam de nossa señora de Jeshus do valle desmeobregas e comjsairo em esta provicia e era mjaistro da dita provicia ho padre frey antonio de lixboa no seu terceyro anno de seu mynistrado



O terramoto no Ribatejo

VISITA DE EL-REI AOS LOCAES DA CATASTROPHE
Na Castanheira — Sua Magestade vendo os predios arruinados

ssendo a segunda vez que fora mynistro e esta provicia guardiam desta cassa frey Johã devora moradores frey baltassar do torrõ e frey andre de vylla de conde cõfessores e frey sebastiã de lixboa e frey mjuell e frey gaspar da ilha corista estavõ ospedes frey antonio peyeyra e frey rodrigo da Ruda e frey antonjo de tomar cõpanheiro do padre comjsario e frey diogo terceiro pedreyro. E era Rey e este Reino dom Joham o terceiro e a Rainha sua molher dona caterina Irmaa do emperador dom calrros Rey de castella casado cõ hua Irmaa deste noso Rey dom Johã o quall estava no lavradio fugido da peste de lixboa quãdo foy este tremor grãde da terra cõ o quall cairõ muito edificios e foy morta muyta gente e muytos lugares des lixboa atee tomar atẽ o quall lugar fez muito dano e muy grãde perda forõ vistos muytos sinães antes que começasse o grãde tremor de terra e foy visto abrisse o ceo e sair hua Raio muy grande caravellas no mar estando pescando em corenta braças se acharõ em sequo por tres oras e o grande terremoto duraria hu myserere mei deus cõ hu de profundis e e aquelle dia tremeo seis ou sete vezes e assi quada dia tres quatro cinco vezes e ante que tremesse a terra dava hus urros muy espantosos toda a gente dormya nos campos em tindilhoes e se cõfessavã e comuagavam.

«Anna dazevedo» que deus guarde».

Como todos sabem a «Vita Christi» e o primeiro livro, que em Portugal se imprimiu na lingua nacional. O documento que transcrevo e tanto mais interes-



O terramoto no Ribatejo. — VISITA DE EL-REI AOS LOCAES DA CATASTROPHE
El-Rei no acampamento de Azambuja

sante quanto e certo que confirma a insistencia com que os tremores de terra assolam a região recentemente abalada e que comprehe pouco mais ou menos a zona que vae de Lisboa até Thomar.

Quem, comtudo ler attentamente este documento, ha de notar que n'elle se não menciona o logar onde foi produzido.

Registrando, porém, a circumstancia de haver referencias à fundadora do convento, a que pertencia a freira que o subscreveu, dizendo-se haver sido D. Isabel de Bendanha (Mendanha) consultei outra obra interessante (manuscripta) que pertence ao Archivo Nacional, o «Diccionario Geographico».

No tomo IX a paginas 1024 diz o Parocho Encomendado, do Cartaxo, Francisco Duarte de Oliveira — referindo-se a esta villa:

«Tem hum convento de Religiosos de Sam Francisco da Provincia de Portugal he antigo e foy erecto em o anno de mil e quinhentos e vinte e cinco; «era antiguamente hua quinta de Dona Isabel de Mendanha mulher de Dom João de Menezes, Camareiro mór do Principe Dom João, que ao depois foy Dom João o terceiro».

Não resta duvida, portanto, que o documento a Anna de Azevedo foi escripto no Cartaxo.

E' certo que D. Isabel de Mendanha, não fundou simplesmente o convento de S. Francisco do Cartaxo, pois foi igualmente a fundadora do da Esperança de Lisboa, podendo o escripto da lembrança do tremor de terra ter sido feito n'esta cidade. Mas esta hypothese e inadmissivel, por isso que do documento que transcrevi se vê que D. Isabel «andava fugida da peste de Lisboa».

Eis o que se me offerece dizer sobre o tremor de terra de 1531, sem pretensões algumas a não ser o desejo de tornar conhecido este documento interessante, de cuja transcrição nem sequer se deprehe o trabalho paleographic, por isso que no exemplar da Vita Christi, ha uma reprodução para letra mais moderna, embora um tanto difficilente.

FRANCISCO NOGUEIRA DE BRITO.

O amor que se sente está todo na pessoa que ama; a pessoa amada não é mais do que um pretexto.

Alphonse Karr.



O terramoto no Ribatejo. — VISITA DE EL-REI AOS LOCAES DA CATASTROPHE
El-Rei no Cartaxo telegraphando ao presidente do conselho

(Clichés de J. Benoit).



O terramoto no Ribatejo

VISITA DE EL-REI AOS LOCAES DA CATASTROPHE

O Sen'or D. Manuel e o governador civil de Santarem sahindo da igreja do Milagre da mesma cidade

(Cliché de J. Benoitel).

AO RIBATEJO (a)

Filhos de Portugal, nossos irmãos,
São d'entre nós os mais desventurados;
De desespero e dôr torcem as mãos,
Levantam para o céu inuteis brados;
O céu não os escuta, e a Terra vasta,
Que é a mãe dos maiores desgraçados,
Não é mãe para elles: é madrastra!

A' Terra poderosa não bastava
Vencê-los sempre em luctas incruentas,
A' sua missão aspera faltava
Condemna-los ás dôres mais violentas,
Dôres como as de Reggio e de Messina;
E num fragor maior que o das tormentas
Cavar-lhes a miseria, o luto, a ruina.

Da terra essa missão 'stá consummada.
Compete-nos a nós cumprir a nossa
Não afrouxêmos pois nesta cruzada
Que é santa, porque as almas alvoroça.
A esses derrotados pela Dôr
Vingue-os a piedade, a minha, a vossa,
Salve-os a expansão do nosso amor.

Lisboa 12 maio 1909.

Jayme Victor.

(a) Na brilhante festa litteraria e artistica, realisada na noite de quinze d'este mez no Club Estephania, em beneficio dos sobreviventes do Ribatejo, foram estes versos recitados pelo illustre presidente da Direcção do Club.

Politica internacional

Recordam-se os leitores de que na nossa anterior revista, e no terminal-a, fizemos menção dos telegrammas que á ultima hora nos fallavam de um movimento militar contra o governo de Hilmi-Pachá. O movimento effectivamente deu-se, e quantas cousas desde então se passaram na Turquia!

A revolta militar, que o governo parece que não soube prever ou pelo menos não conseguiu dominar, estalou inesperadamente, alastrou em Constantinopla com extraordinaria celeridade, e teve desde o começo o caracter accentuado de uma contra-revolução contra o predominio dos jovens-turcos.

As suas reclamações ao sultão foram, entre outras, effectivamente, a demissão do ministerio e do presidente da camara dos deputados, um dos mais dedicados e valiosos defensores do novo regimen, como se sabe.

O sultão que tudo indica ter entrado na conspiração, como desde logo o dissemos na nossa ultima chronica, obtemperou a todos os desejos dos revoltados, accetando a demissão do ministerio e nomeando outro do agrado da soldadesca, presidido por Tewfic-Pachá, e, facto mais característico ainda, garantiu o perdão ás tropas indis-

ciplinadas, que viram recompensado com uma plena amnistia o seu procedimento revolucionario.

Ao mesmo tempo que tão benignamente assim eram tratados os factores da contra-revolução, corria grave risco a vida dos vultos mais em evidencia dos jovens-turcos, que para escaparem a uma morte certa tiveram que fugir ou esconder-se. Ainda assim o ministro da justiça do gabinete presidido por Hilmi-Pachá foi morto, sendo tambem ferido o ministro da marinha.

Por um momento poude considerar-se a contra-revolução triumphante e em vespas de ser abolido o regimen constitucional. Seria a repetição do que ha 32 annos aconteceu, quando Abd-ul-Hamid, depois de ter jurado a constituição de Midhat-Pachá, a declarou suspensa ou para melhor dizer abolida. No entretanto se inesperada e fulminante tinha sido a revolta de Constantinopla, não o foi menos a desforra dos jovens-turcos, os quaes, passado o primeiro instante de atordoamento, depressa recobram o sangue-frio para fazer face á situação. O comité União e Progresso reconstituiu-se n'um momento e Salonica converteu-se outra vez no centro de um forte movimento nacional. As tropas aquartelladas n'esta cidade communicaram com o exercito da Macedonia e, depois de receberem grande numero de adhesões das provincias, marcharam para a capital a fim de castigarem os auctores do attentado contra a constituição.

Foi então que Abd-ul-Hamid, vendo a contra-revolução abortada, tentou negociar com o comité União e Progresso para ver se salvava o throno e em todo o caso para sair-se a escapo com a vida da aventura, que tinha planeado ou a que pelo menos tinha dado o consentimento. O throno perdeu-o, porque tendo sido occupada militarmente Constantinopla, depois de um combate sangrento com as tropas que defendiam o sultão, foi este deposto pela assembleia nacional, em virtude de um fatca do Cheik-ul-Islam, e proclamado em seu lugar o irmão Rechad-Effendi com o nome de Mahomed V. Assim se fechou, com uma rapidez que causa assombro, esse incidente militar que foi mais que uma simples revolta de caserna, mas que não chegou a ser uma contra-revolução, por isso que ao cabo apenas de alguns dias o regimen constitucional continuou a funcionar pouco mais ou menos com o mesmo pessoal, que o tinha implantado. Hilmi-Pachá é outra vez Grão-visir; Ahmed-Riza é outra vez presidente da camara. O comité de Salonica continúa a fazer sentinella ciosa, de guarda á constituição. Apenas em Ildiz-Kiosk se nota uma importante modificação. O seu antigo senhor, o sultão vermelho, não está lá. Conserva-se guardado á vista, distante da capital como prisioneiro de estado, e, diga-se tambem, como refen a garantir novas tentativas de restabelecimento do velho regimen. Mais uma vez, poupando-lhe a vida, mostraram os jovens-turcos como são habéis politicos e como sagazmente sabem evitar os erros em que tem cahido tantos revolucionarios de boa fé.

Até aqui a singella narração dos acontecimentos, que de per si constitue interessantissimo e dramatico capitulo da historia contemporanea da Europa. Restam, porém, os comentarios ao que acaba de passar-se em Constantinopla.

As consequencias da esmagadora victoria dos jovens-turcos podem ser consideradas sob o ponto de vista interior e no seu aspecto internacional. Para a politica interna do imperio ottomano o triumpho do partido joven-turco, coroado pela deposição de Abd-ul-Hamid, significa a morte definitiva do antigo regimen, que com o antigo sultão perde o seu melhor sustentaculo e a sua ultima esperanza. Depois do que acaba de passar-se e da tremenda lição inlingida aos conspiradores não ficará a ninguem vontade de repetir a aventura. O castigo então seria terrivel, e a relativa generosidade com que ainda agora o comité União e Progresso tratou os seus inimigos seria substituida por bem justificada e severissima repressão. A primeira tentativa de contra-revolução realisada por Kiamil-Pachá foi apenas punida com um voto parlamentar, que bastou para dar aos jovens-turcos o predominio. Mas o sultão ficou como antes.

A tentativa de agora, que custou muito sangue para dominar, ainda deixou ficar com vida Abd-ul-Hamid, embora lhe tirasse o throno. Uma terceira tentativa seria o signal de terribes represalias por parte do comité União e Progresso. Parece-nos por isso que essa terceira tentativa não virá, e que póde considerar-se o regimen hamidiano como de vez enterrado, o que não exclue a possibilidade e até a probabilidade de novas perturbações no imperio-turco.

Eis no nosso entender as consequencias internas da victoria dos jovens-turcos. Vamos a ver quaes as suas consequencias internacionais, não menores nem menos importantes.

E' sabido como de longa data tem luctado em Constantinopla as diversas influencias europeias, que alli procuram assegurar a sua preponderancia. Durante muito tempo foi a Russia a nação que dominou. Depois foi a Inglaterra, que chegou a exercer uma especie de protectorado sobre a Porta. Ultimamente era a Alemanha que exercia acção quasi exclusiva sobre Abd-ul-Hamid, o qual se tinha convertido n'uma especie de logar-tenente de Guilherme II nas margens do Bosphoro.

Esta influencia da Alemanha conservou-se intacta até á revolução de julho passado, em que os jovens-turcos proclamaram a constituição. Chegou então novamente a vez á Inglaterra de recuperar o seu antigo prestigio, e com effeito a entrada triumphal do seu embaixador em Constantinopla, claramente deixou ver a nova orientação da politica turca.

O edificio com tanto custo e tanta persistencia levantado pela di-

plomacia alemã veio a terra n'um momento. A Alemanha que já considerava não só a Anatólia como um appendice do Deutsches Reich, mas a própria Turquia europeia como um feudo do imperio, viu com despeito outros tomarem o seu lugar e prepararem-se para lhe inutilisar os esforços. Começou então o duello entre as duas influencias, — a alemã e a inglesa. Além d'isso a posição da Alemanha era extremamente melindrosa pela sua alliança com a Austria e por esta ultima nação estar empenhada n'uma gravissima questão diplomatica com a Porta por motivo da annexação da Bosnia e da Herzegovina. Por um lado não podia a Alemanha abandonar a sua alliada, porque isso convinha ao exito da partida, que estava jogando no taboleiro

carria a posição dos allemães em Constantinopla. O que acaba de se passar com a contra-revolução de 16 de abril e com a definitiva e retumbante victoria do comité União e Progresso, acaba pelo menos durante muito tempo com a possibilidade de novas tentativas para destruir o novo regimen constitucional. Além d'isso Abd-ul-Hamid, o

Anatole France em Lisboa



Descendo a escada do paquete

Na recepção que fizeram ao grande escriptor, que apenas seis horas se demorou em Lisboa, procuraram a Associação da Imprensa e a dos Jornalistas e Escriitores Portuguezes honrar a intellectualidade franceza no seu mais alto representante moderno. Anatole France, o sabio academico, o escriptor glorioso e fecundo, é mais que uma gloria do seu paiz: é uma gloria da raça latina. Logo que elle entrou no nosso formosissimo porto saudámo-lo em nome da Associação dos Jornalistas, saudámo-lo em nome do Brasil Portugal, e foi com o maior jubilo que tomámos parte nas rapidas homenagens, que em tão curto espaço de tempo se lhe tributaram em Lisboa.

Representam a sua passagem pela cidade as gravuras que hoje publicamos.

da politica internacional. Mas por outro não podia tambem ostensivamente hostilisar os jovens-turcos, que dispunham do poder e de quem portanto necessitava. Demais a boicota-gem do commercio austriaco nos Balkans, que facilmente se poderia estender tambem ao commercio allemão, era de molde a fazer reflectir o governo de Berlim. Verdade seja que o sultão continuava no throno, e que, embora á mercê dos constitucionaes, conservava ainda bastante influencia para assegurar aos allemães uma parte das suas antigas posições. No entretanto os jovens-turcos era gente em quem se não podia depositar demasiada confiança, sabendo-se além d'isso que elles tinham inscripto no seu programma a mais absoluta intransigência com tudo o que pudesse significar qualquer diminuição da soberania nacional ou dos direitos do Estado.

Assim, pois, a conspiração austro-allemã contra o novo regimen não se fez esperar. Foi ella a responsavel pela independencia da Bulgaria e pela annexação das duas provincias servias para desacreditar a revolução de julho, e foi ella não ha duvida a responsavel tambem por essa tentativa de golpe de estado realisada por Kiamil-Pachá, tentativa que os jovens-turcos souberam castigar conforme dissémos, com uma simples votação parlamentar, que substituiu o velho grão-visir por Hilmi-Pachá, inteiramente devotado ao club União e Progresso.

Estavam, pois, pela segunda vez os jovens-turcos em situação preponderante, e era por consequencia cada vez mais pre-



Anatole France em Lisboa. — No claustro dos Jeronymos

sultão dos allemães, já não reina. Foi substituído por Mahomed V, amigo ao que se diz, da França e da Inglaterra. Quer dizer, o «triplice-acordo» passa a ter a influencia que a «triplice-alliança» ainda ha pouco tinha em Constantinopla. Chegou a afirmar-se que estava planeada uma alliança entre a «triplice» e a Turquia, o que seria um habil golpe para a resolução da questão balkanica no sentido dos interesses austro-allemães. Com a mutação da scena actual da politica turca, essa alliança, a fazer-se, será com as potencias occidentaes e com a Russia. Assim a importante victoria ganha pela diplomacia austro-allemã na recente questão da Bosnia e da Herzegovina vae ficar em grande parte neutralisada pela nova orientação da politica turca, graças ao fiasco da contra-revolução de 16 de abril. Em todo o caso o grande duello, por ora diplomatico, entre a Inglaterra e a Alemanha, é o facto capital que continúa a dominar toda a politica europeia. Cada dia nos traz uma nova surpresa, mas não é difficil redizer as variadas peripecias, a que estamos assistindo, ao pensamento fundamental que as explica e encadeia.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Luiz XV tinha um criado de quarto, homem da sua confiança, mas pouco dado a brincadeiras.

Estava um dia o criado todo debruçado a uma janella, esperando pelo monarcha, que afinal entrou sem que elle o visse e, passando-lhe por detraz, applicou-lhe, por brincadeira, uma valente palmada.

O criado voltou-se immediatamente, furioso, mas, reparando no rei, disse-lhe:

— Ora era melhor que Vossa Magestade fosse brincar com os seus semelhantes!



Anatole France em Lisboa. — Á entrada nos Jeronymos

(Clicho de J. Benoliel).



Anatole France em Lisboa. — No Aterro

A filha de Tristam das Damas

O trecho que a seguir publicamos é um excerpto do ultimo livro de Reis Gomes, escriptor de folego já muito conhecido dos nossos leitores, e cujo valor se tem accentuado em anteriores trabalhos. A acção d'este livro, a todos os respeitos interessante, decorre na ilha da Madeira, e abrange a época em que Christovam Colombo alli residiu.

Transcrevendo o final do episodio, que representa todo o livro, prestamos homenagem ao auctor, com cuja amizade nos honramos.

Era já noite quando o moço desmaiado e tinto em sangue, entrou em casa de Yahyaben-Tafut.

Fôra chamado um curandeiro de grande fama, que chegava quando se depunha o ferido sobre um leito.

Estavam presentes Simão Gonçalves, Manoel de Noronha e dois frades de S. Francisco que ajudaram a transportal-o até alli, além de Yahya e sua velha mãe. Os que não eram de casa repararam na cama alta que alli se via, tendo um crucifixo pendente á cabeceira, em contrario ao que era de esperar n'uma casa habitada por crentes de Mafoma. Mas a admiração subiu de ponto quando Yahya, pallido e desfigurado, depois de fallar, á parte, com o curandeiro arabe, pediu aos presentes que se recolhessem a um compartimento proximo, enquanto era lavada e examinada a ferida.

Poucos minutos se manteve essa separação; o proprio Yahya tornava, com o rosto inda mais transtornado, a pedir-lhes que voltassem para junto do ferido. N'este momento entrou o capitão Athayde.

Sobre o leito e no lugar onde se depuzera o moço arabe desfallecido, estava agora uma mulher branca e loura que só um exame attento podia descobrir estar ultrapassando já a primeira juventude.

A luz da lampada batia-lhe em cheio na face que uns rasgados olhos cõr do céu mais ajudavam ainda a illuminar.

— Uma mulher! bradou Athayde.

— Guiomar! gritou Simão da Camara ao dar com os olhos n'aquelle vulto extranho que mais lhe parecia uma visão do que uma figura real.

— Sim, meu amigo. Inutil é manter-se ainda este mysterio que ha annos tem envolvido o meu nome e o meu sexo... Sou Guiomar... a filha de Tristão Teixeira...

— Vós, aqui?!... Então o joven ferido... o vosso companheiro d'armas, interrogou Simão, coordenando mal as ideias e dirigindo-se a ben-Tafut, era...

— Era eu, respondeu Guiomar.

— E vós, senhor, sois D. Rodrigo, o fidalgo castelhano que conheci nas officinas de Colombo?!...

— Sim, D. Simão. Era eu, o D. Rodrigo, respondeu Yahya com uma expressão de desalento. A estupefacção apoderava-se do espirito dos presentes, exceptuando os dois esposos.

Simão queria ligar os factos e interpretar o que via e es-

tava ouvindo, mas o fio das ideias escapava-se-lhe, insistentemente, no momento em que julgava que ia d'elle apoderar-se.

— Reconheço-vos, bradou Manoel de Noronha como se tivesse encontrado o que ha muito procurava. Ereis vós que n'aquella noite do sarau, acompanhado d'outro mouro, apparecestes no eirado do Paço de Machico e que todos julgaram piratas argelinos

— Era, sim, meus senhores...

Este esclarecimento fez inteira luz no cerebro ensombrado de Simão.

— D'ahi vos conhecestes!. E o passado surgiu, então, nitido, na sua memoria, e comprehendeu toda a ultima phase do complexo character d'aquella mulher que perdidamente amára e cujo coração nunca por elle vibrára senão as brandas notas de um fraternal affecto.

Abraçada ao filho, a velha castelhana dizia-lhe, n'uma commoção que a palavra não traduz, apontando para Simão Gonçalves:

Era assim, tal qual, era assim quando o conheci, quando eu... o amei. Dize-me, por Deus, meu filho, quem é este bello e brilhante fidalgo, que é o retrato vivo de teu pae?!

— Minha mãe! Estes dois nobres e valorosos cavalleiros são... meus irmãos.

Na sala produziu-se um movimento do mais profundo espanto. Guiomar que cerrára os olhos, cedendo á prostração causada pela perda do sangue que não estancára ainda, abriu-os n'um impeto, e, vencendo a natural inercia do seu estado morbido, sentou-se no leito, com o rosto coberto de uma pallidez mortal.

— Conheceis, minha mãe, este retrato?

— E' o d'elle. Deu-m'o teu pae quando regressou ao reino. Tinham-m'o roubado e tu achastel-o!... E a velha, chorando de alegria, não cessava de beijar ardentemente a miniatura.

— Vêde-o, disse Yahya passando a moldura a Simão e Manoel de Noronha.

— Meu pae! bradaram ambos a um tempo, e cada um levou aos labios o quadrinho precioso.

— Olhae uma escripta sua, tornou Yahya entregando-lhes um pergaminho amarellado.

— E' a sua letra, a sua assignatura,olveu Manoel de Noronha. Compreendes agora, Simão, o ar perturbado que em nosso pae notavamos, quando elle se referia a esta terra de Safi?!

— Tudo se explicou, Manoel. Abracemos o nosso irmão, talvez o que trouxe mais abundante em suas veias o sangue d'esse heroico e generoso portuguez.

E os tres uniram-se n'um abraço estreito e commovido.

— O meu coração não me enganava quando vos fallava



Anatole France em Lisboa

O grande actor Sylvain e Madame Sylvain

(Clichés de J. Benoit).

A beatificação de Joanna d'Arc

como a irmão, Simão Gonçalves... E por que apenas agora m'o disseste, Rodrigo? . . . interrogou Guiomar Teixeira.

— Só a noite passada o soube da bocca de ben-Uacimen que me entregou o que aqui vêdes.

Simão, aos pés do leito, ajoelhado, beijava penetrado de um religioso respeito a mão de Guiomar:

— Tinha-vos Deus votado a um destino que não podíamos alcançar em nosso espirito. Abençoada sejaes, senhora, por terdes recusado o meu amor.

Guiomar desmaiára, novamente. O curandeiro, palpando-lhe o coração, abanou tristemente a cabeça, o que fez empallidecer inda mais o rosto já transornado de ben-Tafut. O bastardo de João Gonçalves que, de animo seguro e frio, tantos perigos affrontára conservando sempre altiva a nobre fronte, curvava-se, agora, sobre o leito onde Guiomar jazia, como a mais fraca e atormentada mãe sobre o berço do filhinho moribundo. As suas palavras doces, talvez o calor das suas lagrimas correndo sobre a face d'ella que esfriava, fizeram-na voltar ainda a si.

A moribunda circumvagou o olhar desde o rosto de Simão até os olhos do esposo estremecido, fitando-o ternamente. As pupillas negras destacavam na iris azulada e vítrea com uma fixidez de mau presagio.

— A aventura que eu sonhara, realisou-se, Rodrigo... Tu foste o Machim da minha lenda. A tua pobre Anna só te pede o repouso n'esta terra . . . que o teu braço duas vezes conquistou para Portugal, partilhando ella, sempre, a tua sorte . . . Eu dizia: irei contigo até á morte ou até á gloria... Deus deu-me a alegria de ver fulgir na tua fronte o diadema de vencedor do Islam, e concedeu-me vida até cumprir a minha missão junto de ti... Tres homens pretenderam a minha mão de esposa: Colombo, o descobridor da India occidental, que me não amava, por quem eu era indiferente, mas cujo amor-proprio revoltado auxiliou a cumprir-se o meu destino. N'esta hora, lembro-me d'elle cheio de admiração e... de reconhecimento. O outro, fostes vós, Simão, leal e esforçado cavalleiro, que me amastes, eu o sei, ardentemente, e a quem não pude conceder mais do que o meu grande affecto de irmã. Estava-vos em divida . . . resgatei-a hoje. Para ti, Rodrigo, foi todo o meu amor, todos os anhelos da minha alma, o culto e a devoção do meu inteiro ser. Fui a tua esposa, o teu amigo e companheiro d'armas. A minha indole, em tudo excessiva, roçando pelo fanatismo, subordinou-se inteiramente á tua... logo que me possuiste o coração... Morreria feliz... se não fosse a magua terrena de deixar-te... meu querido e grande amor... Mas resigno-me á vontade de Deus que eu servi ajudada por esse tão profundo affecto humano. Viveremos juntos, depois, por uma vida eterna . . . Morro, eu bem o sinto, com o perdão de meu pae a quem vou ver n'alguns instantes, e que na divina mansão me não recusará a sua benção... O ultimo beijo, Rodrigo. Adeus... meus amigos . . . Padre . . . o crucifixo . . .

Guiomar encostou aos labios a cruz que um franciscano piedosamente lhe offereceu, e assim ficou, de olhos cerrados, completamente immovel, n'uma lividez de cêra.

— Morta! exclamou Yahya n'um grito de desespero que se fundia com um soluçar angustioso.

Morta, por me salvar a vida! bradou, como alanceado por um remorso, o capitão do Funchal que continuava de joelhos aos pés de Guiomar.

— Resignae-vos, meus irmãos, ante a vontade do Senhor, interveio a dulcificar aquella grande dôr humana um dos religiosos presentes. A cada um de vós concedeu ella o que devia: por um, deu como martyr a vida, ao outro entregou-lhe as raras energias e os dulcissimos affectos do precioso coração. Creatura de Deus, justo é que vá depôr aos pés do Omnipotente a joia que lhe resta ainda: a sua grande alma immaculada, gemma d'onde reflectiu toda a luz que illuminou a sua passagem sobre a terra...

Na alcova allumiada frouxamente, só os soluços dos dois



Joanna d'Arc em extasis

(Quadro de Jorge Joy existente no museu do Luxemburgo em Paris)

guerreiros da cruz cortavam o murmúrio funebre da voz dos franciscanos que resavam, de pé, as orações de finados.

REIS GOMES.

A beatificação de Joanna d'Arc

COM a maior solemnidade realisou-se no Vaticano, no dia 15 do mez passado, a cerimonia da beatificação de Joanna d'Arc — a celebre heroína da guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra.

Joanna d'Arc era filha d'uns pobres camponeses da aldeia da Domremy. Muito piedosa, ia muitas vezes á igreja e orava no meio dos campos onde levava a pastar as suas ovelhas.

As suas visões começaram aos treze annos, manifestando-se sob diversas formas, e mais tarde julgou ver e ouvir S. Miguel, Santa Catharina e Santa Margarida que, falando-lhe das desgraças da França, a aconselhavam a correr em auxilio do rei.

Este projecto não mereceu a approvação de seu pae mas despertou o enthusiasmo do povo que acreditava n'uma antiga prophécia a qual dizia que, tendo o reino sido perdido por uma mulher — Isabel da Baviera — uma outra mulher viria salva-lo.

Emfim, vencida a resistencia da familia, Joanna d'Arc, acompanhada d'uma meia duzia de homens d'armas, poz-se a caminho e tendo andado cento e cincoenta leguas chegou a Chinon, onde então estava o rei de França — Carlos VII.

Recebida no meio de toda a côrte, perante a qual se apresentou



Joanna d'Arc, pastora de Lorena

(Quadro de J. Lenepveu)

como enviada de Deus, expoz sem hesitações a sua missão de salvar a França, propondo primeiro fazer levantar o cerco de Orléans.

Os grandes senhores tiveram um sorriso de desdém por aquella pobre filha do povo e um conselho de prelados e doutores em theologia resolveu interroga-la. As suas respostas porém, foram taes e de tal ordem que, depois de alguma hesitação, ficou resolvido dar-lhe o auxilio que ella pedia.

A 27 de abril de 1429 Joanna d'Arc partiu de Blois com um pequeno exercito e a 29 do mesmo mez entrava em Orléans que conseguiu libertar, depois de varios combates, n'alguns dos quaes ficou ligeiramente ferida, vendo-se os inglezes obrigados a levantar o cerco a 8 do mez seguinte.

Em consequencia d'esta brilhante victoria muitas praças se entregaram aos francezes e Carlos VII foi sagrado em Reims pelo respectivo arcebispo, cerimonia a que assistiu Joanna d'Arc com o seu estandarte.

A guerra continuou depois sempre com successo para os francezes até que um dia, em Compiègne, Joanna d'Arc cahiu em poder dos inglezes que havia muito a consideravam como feiticeira. Conduzida a Ruão, ali lhe foi instaurado um processo que durou tres mezes e durante o qual os seus juizes procuraram sempre embaraça-la.

— Joanna, perguntavam-lhe, julgaes estar em graça?

— Se estou, Deus me conserve, se não estou Deus me faça entrar n'ella.

— Deus odeia os inglezes? — perguntavam-lhe tambem.

— Nada sei do amor ou do odio que Deus tem pelos inglezes. O que sei é que todos serão expulsos da França, excepto aquelles que cá morrerem.

Quando Joanna d'Arc soube que devia ser queimada teve uma grande crise de lagrimas, mas declarou sempre, até ao seu ultimo suspiro, que tinha obedecido a Deus combatendo pela França.

Ao seu supplicio assistiu uma multidão immensa. Os inglezes



Supplicio de Joanna d'Arc em Ruão

(Quadro de J. Lenepveu)

estavam radiantes e os francezes murmuravam contra uma tão injusta sentença.

Na cabeça foi-lhe posta uma mitra onde se liam as palavras: *heretica — ralapsa — apostata — idolatra*.

Ao confessor que a acompanhava disse Joanna d'Arc no momento em que o carrasco lançava fogo á pyra de madeira:

— Collocae a cruz bem deante dos meus olhos de forma que eu a veja até morrer e dizei-me palavras piedosas até ao fim.

Quando Joanna d'Arc expirou a ultima palavra que se lhe ouviu foi — Jesus!

Resa a tradição que depois da sua morte houve quem visse a sua alma subir ao Céu sob a forma d'uma pomba.

Os francezes ficaram logo persuadidos de que tinha sido queimada uma santa e os proprios inglezes, a quem os seus chefes queriam reanimar com o espectáculo d'este supplicio e que a julgavam feiticeira, ficaram abalados nas suas convicções.

Tanto mysterio o espirito contém
Que até eu, sem que o possas presumir,
Afasto-me de ti para te ouvir,
E fecho os olhos para vêr-te bem.

ALBERTO BRAMÃO.

Os novos ministros

Conseguiu o que desejava o sr. conselheiro Wenceslau de Lima. Organizou-se um ministerio extra-partidario sem a tutela de nenhum dos partidos militantes. Vae ser convocado o Conselho de Estado sobre o addiamento, e se, como é provavel, elle for approvado por maioria, serão addiadas as côrtes provavelmente por dois mezes. Depois? O futuro a Deus pertence.

A biographia do chefe do governo está feita ha muito. Professor



Conselheiro Wenceslau de Lima

Presidente do Conselho de Ministros e Ministro do Reino

illustre, diplomata dos mais ponderados, parlamentar distincto, em diversos governos tem assumido a pasta dos estrangeiros o sr. conselheiro *Wenceslau de Lima*, e o maior elogio que pode fazer-se-lhe é repetir o que diz toda a gente, isto é, que o novo presidente do conselho é o ministro que n'aquella pasta mais e mais valiosos serviços tem feito a Portugal.

O sr. dr. *Francisco de Medeiros*, juiz da Relação, par do reino, jurisconsulto muito considerado, rasgado espirito liberal, vae ser, sem duvida, na pasta da justiça uma das columnas fortes do ministerio.

O sr. dr. *Francisco de Paula Azeredo*, major de engenharia, lente da Academia Polytechnica do Porto, mathematico e erudito, filho do sr. conde de Samodães, sobraça a pasta da fazenda, a mais escabrosa no actual momento, e, para homem da sua esphera, está em accépt-la o reconhecimento do proprio valor e a indicação de uma poderosa vontade.

O sr. general *Elvas Cardeira*, militar energico e prudente, accéitou a pasta da guerra. Chefe do estado maior da primeira divisão militar, antigo chefe de gabinete do ministro da guerra, Francisco Maria da Cunha, pode o exercito confiar na sua direcção suprema.

O sr. *Terra Vianna*, collega dos srs. Wenceslau de Lima e dr. Azeredo na Academia Polytechnica do Porto, formado em mathematica e philosophia, antigo deputado, membro do conselho superior de instrucção publica, é o novo ministro da marinha.

O sr. *Carlos Bocage*, filho do sabio illustre e eminente estadista Barbosa du Bocage, assumiu a pasta dos estrangeiros. E' par do reino, parlamentar de valor, publicista, vice-presidente da Sociedade de Geographia, antigo deputado, coronel de engenheiros, commandante da Escola Pratica de Tancos, ajudante de campo honorario de El-rei.

O sr. *Barjoa de Freitas*, filho do finado estadista d'este nome, coronel de Estado Maior, antigo deputado e governador de Cabo Verde, proficiente escriptor militar e director da Sociedade de Geographia, resolveu accéptar a pasta das obras publicas.

Limpar objectos que deixamos carregar de ferrugem

Vamos tratar d'uma cousa cuja utilidade se nos impõe frequentemente pela necessidade quasi quotidiana de a empregar.

Quando tivermos quaesquer objectos muito carregados de ferrugem, podemos desembaraçal os facilmente d'esse terrivel agente corrosivo do ferro, mergulhando-os durante 12 a 24 horas, conforme a espessura da camada de ferrugem, n'uma solução mais ou menos saturada de chlorreto de estanho. A solução não deve conter um grande excesso de acido, porque n'este caso, o ferro tambem seria atacado. A' sahida do banho mettem-se as peças em agua, e a seguir em ammoniaco e enxugam-se rapidamente. Os objectos ficam depois d'isto com a apparencia da prata fosca, mas sendo esfregados com um panno, retomam logo o aspecto normal.

O convenio luso-transvaaliano

Sem pretendermos entrar no debate que o recente convenio luso-transvaaliano tem suscitado, julgamos prestar um serviço aos que desejem fazer a este respeito um juizo desapassionado, fornecendo-lhe algumas informações sobre certas circunstancias que tornaram inadiavel a realisação d'esse convenio e que, provavelmente, n'ella exerceram consideravel influencia.

O *modus-vivendi* de 1901, cujos meritos reaes muita gente só agora, tardiamente, reconhece, teve como objectivo, até que se realisasse um accordo de character mais duradouro, fazer reverter ao porto de Lourenço Marques a mesma parte do trafego para o Transvaal que por esse porto se fazia antes da guerra anglo-boer e que, durante esta, d'elle fôra desviado.

Com este fim o artigo 4.º do *modus-vivendi* preceituava que na linha Lourenço Marques-Johannesbourg seria estabelecida a clas-



Major Garcia Rosado



General Raphael Gorjão

sificação de mercadorias e tarifas que vigoravam antes da guerra, e que, se, tanto aquella como estas, fossem multiplicadas nas linhas que ligavam a Johannesburg os outros portos sul-africanos, modificações eguaes seriam feitas em proporção n'aquella linha de forma a manter entre as tarifas a relação preexistente.

Desde que este accordo foi conhecido nas colonias do Natal e Cabo (a ultima das quaes, em 1895, pretendia fazer a guerra ao Transvaal para obter o direito de fazer-passar pelos seus portos *dois quintos* do trafego de importação para este ultimo paiz) foi elle alvo dos mais vivos protestos, formulados officialmente pelos governos, e publicamente expressos nos parlamentos, na imprensa, nos congressos intercoloniaes das camaras de commercio, e nas conferencias intercoloniaes de 1903, 1905 e 1906.

Na conferencia de 1905 esses protestos attingiram tal intensidade que lord Milner (o responsavel, por parte do Transvaal, pelo *modus-vivendi*) foi forçado a entabolar negociações, com o governo geral de Moçambique no sentido de obter uma redução nas differenças de tarifas que o *modus-vivendi* pretendia fixar, isto é, uma redução das vantagens, ou melhor, garantias, que este notavel diploma conquistara.

Não se tendo chegado, entre o governo geral de Moçambique e o alto commissario, a accordo para a acceitação, por parte d'aquelle, das resoluções da conferencia de 1905, reuniram-se no fim do mesmo anno em Lisboa delegados portuguezes e transvaalianos que unanimemente concordaram em recommendar aos respectivos governos certas disposições segundo as quaes era garantida ao porto de Lourenço Marques uma percentagem minima de 33 % do trafego para a zona de competencia (zona definida na conferencia de 1905 e que abrange proxivamente a região mineira) e maxima de 40 %, de-

sendo estas percentagens comprehender todas as classes de mercadorias (e não apenas as mercadorias mais pobres, isto é, as mercadorias pagando as mais baixas tarifas) e incidir apenas sobre o trafego *commercial*.

Parece que estas recommendações foram acceites pelo governo portuguez, tendo porém sido rejeitadas pelo Cabo e Natal, que igualmente rejeitaram um projecto de accordo, formulado pelo alto commissario no intuito de conciliar as recommendações da conferencia de Lisboa com as da conferencia intercolonial reunida poucos mezes antes em Johannesburg.

As razões principaes da rejeição, por parte do Cabo e Natal, podem summariar-se da seguinte forma:

— A conferencia de Johannesburg (1905) não estabelecera o principio da divisão do trafego segundo certas percentagens;

— A adoptar-se tal principio não acceitavam aquellas que elle se applicasse apenas à zona de competencia mas sim a *todo o Transvaal*; nem que a percentagem deveria incidir apenas sobre o trafego *commercial* mas sim sobre *todo o trafego*, incluindo o trafego civil, militar e do governo;

— A organização das tarifas com o fim de dar a Lourenço Marques uma certa percentagem de trafego deveria, segundo as mesmas colonias, ser feita por nova conferencia em que todas as colonias fos-

sem representadas, e não por um comité em que só entrassem delegados portuguezes e transvaalianos, pois que tal organização de tarifas affectaria o trafego pelos portos do Cabo e Natal.

Convem ainda accrescentar que nem as recommendações da conferencia de Lisboa, nem o projecto de accordo formulado pelo alto commissario, melhoravam os elementos do *modus-vivendi* relativos ao engajamento de indigenas para o trabalho nas minas, nem os relativos ás relações commerciaes entre a provincia de Moçambique e o Transvaal, que a união aduaneira das colonias britannicas, realisada em seguida á conferencia internacional de 1903, profundamente modificara em desfavor d'aquella provincia.

Prolongaram-se as negociações para chegar a um accordo que satisfizesse o Cabo e o Natal até que, na conferencia internacional de 1906, se suscitaram sobre a interpretação do artigo 4.º do *modus-vivendi*, certas duvidas, ácerca das quaes foram consultados juriconsultos britannicos.

Foram elles de parecer que as differenças entre as tarifas da linha de Lourenço Marques-Johannesbourg e as das outras linhas não tinham de manter-se constantes, devendo, pelo contrario, quando estas ultimas tarifas fossem reduzidas, soffrer aquellas differenças uma redução proporcional; e ainda, que, mesmo n'estas condições, a obrigação de manter taes differenças apenas se referia ás linhas existentes á data da assignatura do *modus vivendi*, e não a outras, já construídas ao tempo em que foi formulado este parecer, e que permittiam desviar o trafego d'aquellas linhas, embora em curta extensão do percurso total.

A applicação immediata dos principios formulados no parecer dos juriconsultos britannicos permittiria ao Transvaal libertar-se inteiramente das obrigações, relativas a tarifas ferro-viarias, que contra-

hira com a provincia de Moçambique, pelo artigo 4.º do *modus vivendi*, conservando a fruição das vantagens, relativas ao engajamento de trabalhadores para as minas, que, pelo mesmo diploma, obtivera.

Isto bastaria para justificar a urgencia de substituir o *modus vivendi* por um outro accordo, que, comtudo, não se fez.

E se, da indiferença ou abandono a que aparentemente, este assumpto foi votado, não resultaram prejuizos immediatos, deve-se isso ao facto de as auctoridades britannicas na Africa do Sul não terem feito immediata applicação do parecer dos juriconsultos, adian-do-se qualquer procedimento até á reunião de uma conferencia internacional que deveria ter logar depois de o Transvaal ser dotado com um governo autonomo.

Mas n'essa conferencia, reunida em maio do anno passado, foi a solução do assumpto ainda adiada porque, n'uma das suas primeiras

diplomatico, venceu todas as difficuldades, desfez todas as machinações e com a dedicação e abnegação d'um verdadeiro patriota firmou em nome do governo a nova Convenção, em substituição do *modus vivendi*, onde os interesses sacratissimos da provincia de Moçambique foram salvaguardados, obtendo-se assim a melhor solução que era dado esperar.

Só quem conhece a fundo a questão sul-africana poderá ajuizar do enormissimo serviço que este illustre official acaba de prestar ao seu pais. Conhecedor profundo do assumpto, Garcia Rosado, acompanhando de perto as negociações, sentia a evolução natural da questão e teve o raro dom da previsão, aproveitando uma oportunidade que desprezada trazia graves embaraços á resolução do problema e como consequencia grande perturbação financeira á provincia de Moçambique em beneficio do Natal e do Cabo.

Com uma folha de serviços tão brilhantes e tão altas qualidades e primoroso trato, naturalmente estava indigitado para a delicadissima missão que tão nobremente desempenhou, pelo que merece do governo e do pais os mais rasgados elogios; e o ministro que o nomeou deve estar plenamente satisfeito e orgulhar-se com o resultado obtido.

Nasceu Thomaz Antonio Garcia Rosado em 1864; de 1879, data em que assentou praça, a 1906 subiu os diferentes postos militares até ao actual de tenente-coronel do serviço do Estado-Maior.

Pelos diferentes serviços prestados ao seu pais é do Conselho de Sua Magestade e ajudante de Campo honorario; é condecorado com a Comenda de Aviz por serviços distinctos, com o grau de official de Torre e Espada, d'Aviz e da Legião d'Honra, medalha de prata da expedição á India em 1895, sob a direcção de S. Alteza o Sr. Infante D. Alfonso, tendo nella desempenhado o cargo de chefe de Estado-Maior.

Serviu em Moçambique na delimitação da fronteira de Barué, sob as ordens do governador de Manica e Sofala, então Raphael Gorjão; nos reconhecimentos e estudos para a Campanha de Barué; como secretario do governo de Manica e Sofala, governador do districto de Lourenço Marques e governador geral da provincia de Moçambique, tendo tambem desempenhado as funções de delegado tecnico, nas Conferencias de Bruxellas e d'Haya.

Homens da estatura moral e da envergadura politica de Garcia Rosado honram e nobilitam o paiz que se honra de lhes ser berço.

Raphael Gorjão

Destaca-se entre a pleiade de illustres funcionarios o vulto sympathico e insinuante de Manoel Raphael Gorjão.

Alliando a fineza do trato á modestia e grande prestigio, nas variadas commissões que tem desempenhado, o general Gorjão soube sempre impôr-se pelas suas altas qualidades e vastos conhecimentos.

Colonial distincto, em cada cargo que exerceu deixou vinculado o seu nome; e tão apreciados foram os relevantes serviços que tem prestado ao seu paiz, que mereceu do governo as mais altas distincções, sendo chamado aos conselhos da corôa no penultimo ministerio Hintze Ribeiro, onde com muito acerto dirigiu a pasta da marinha e ultramar.

Longa seria a lista dos varios cargos que tem exercido, da qual se salientam os de director das Obras Publicas das provincias de Cabo Verde e Angola, director dos Estudos do Caminho de Ferro de Ambaca, chefe dos Serviços Administrativos da Companhia de Moçambique, governador dos Territorios de Manica e Sofala, Governador Geral de Moçambique e Commandante das 4.ª e 1.ª Divisões militares. Está actualmente á testa da ultima.

Parlamentar distincto e ajudante de campo honorario de S. M., ha bem pouco tempo mereceu referencias elogiosas o seu ultimo discurso na Camara dos Pares esclarecendo o recente Convenio inter-colonial.

O nome de Manoel Raphael Gorjão é lembrado sempre com viva saudade nas provincias ultramarinas, onde deixou em cada subordinado um admirador e um amigo.

Condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar, commendas de Aviz, Conceição e Christo, grande officialato de Aviz, gran-cruz de Aviz e Conceição e medalha d'ouro por serviços distinctos no Ultramar, no peito do illustre militar brilham tambem as mais honrosas vengeras que a Inglaterra rarissimas vezes concede e em especial a estrangeiros: os graus de cavalleiro e commendador da Ordem do Banho, mercês que conferem aos agraciados o honorifico titulo de Sir, o mais justo premio do admiravel tacto com que o general Gorjão, então Governador Geral de Moçambique, se soube conduzir na delicadissima situação creada durante a guerra Anglo-boer, e que a nossa fiel alliada tão bem apreciou e galhardamente recompensou.

Salienta-se entre os alevantados serviços de Manoel Raphael Gorjão o *modus-vivendi*, negociado entre a provincia de Moçambique e o Transvaal, convenção superiormente elaborada e intelligentemente levada a cabo, que só por si basta para collocar o seu nome na galeria dos vultos mais notaveis d'um pais.

Apesar dos serviços a seu cargo, sacrificou as suas horas de descanso, para como collaborador tecnico prestar ao ministro da marinha, Augusto de Castilho, valiosissimos serviços para a negociação do recente convenio entre Moçambique e o Transvaal, que tão brilhantemente o delegado do governo, tenente-coronel do Serviço do Estado Maior, Garcia Rosado, acabou ha pouco de realizar.

O illustre general é, por tudo isto, uma das figuras mais prestigiosas do exercito e da politica portugueza.



Conselheiro Augusto de Castilho

sessões, foi resolvida, em principio, a federação ou união das colonias britannicas do Sul de Africa ainda governos autonomos, deixando-se aquella solução a cargo do governo que ia constituir-se.

Se—antes de definitivamente se ligar ás outras colonias pela acceitação da constituição, discutida desde outubro do anno passado até feveiro d'este anno, e que a todos deve reger em commum—o Transvaal não se tivesse firmemente ligado á provincia de Moçambique pelo compromisso de realizar um accordo em determinadas bases, podiam considerar-se irremediavelmente perdidos os interesses de Lourenço Marques, pois que tal accordo não era viavel com o governo da União, que, ao projectar-se, tinha expressamente, como um dos seus objectivos essenciaes, o de proteger os portos britannicos do Sul de Africa contra o porto portuguez de Lourenço Marques.

Garcia Rosado

O tenente-coronel Garcia Rosado é actualmente uma das figuras que mais se impõem á consideração dos seus concidadãos.

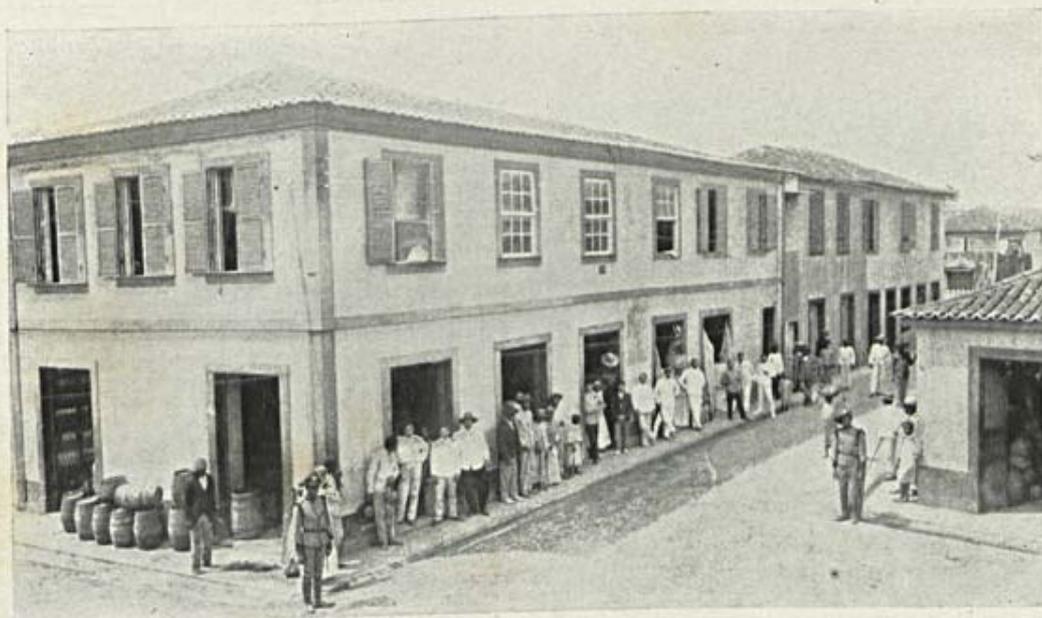
Delegado do governo para negociar o novo Convenio entre Moçambique e o Transvaal nas mais criticas situações economicas da Africa do Sul, em que os interesses inter-coloniaes exigiam uma prompta e equitativa solução, a despeito das mais astutas combinações e mil contrariedades, Garcia Rosado, inspirado no mais entranhado patriotismo, dotado de energia indomavel e do mais fino tacto



S. Thomé. — *A principal rua da Villa da Trindade*



S. Thomé. — *Egreja de Santo Antonio e britadeira das obras publicas*



S. Thomé. — *A casa Ferreira Martins & Irmão, de S. Thomé*

(Cliché da Photographia Africana — S. Thomé)

Augusto de Castilho

O seu nome fica como ministro da marinha ligado ao tratado luso transvaaliano.

Tolhe-nos um natural melindre de fazer n'esta Illustração, á frente da qual se lê ha onze annos o seu nome, largas e elogiosas referencias á sua personalidade.

Não é esse o nosso intuito, nem é nosso desejo ferir a sua modestia. São conhecidos e notorios os serviços do homem publico, do



S. Thomé. — Uma apanha de cacau

governador ultramarino, do actual major general da armada. Não vimos lembrá-los, nem é nosso fim, ao collocarmos o nome do vice almirante Augusto de Castilho ao lado dos nomes tambem illustres do general Raphael Gorjão e do tenente coronel Garcia Rosado. senão accentuarmos, bem frisantemente, n'estas columnas que nessa obra de patriotismo todos tres são solidarios, não engeita nenhum d'elles a menor gloria, o menor desgosto, ou qualquer responsabilidade que d'ahi lhes provenha, e que o ministro em Lisboa e o official que o representou em Africa, com a mesma convicção, o mesmo amor da sua terra, o mesmo respeito pela sua soberania e pelas suas prerogativas, negociaram e fecharam um tratado que se lhes affigou oportuno e util aos interesses da patria portugueza.

Tremores de terra

O nosso planeta tem-se mostrado nos ultimos annos demasiadamente irrequieto. As catastrophes do Vesuvio, de S. Francisco da California, de Valparaiso e ultimamente ainda as do Mexico, succederam-se com tão desusada frequencia que quasi parece que o solo deixou de nos offerecer condições de estabilidade e segurança.



Uma festa popular em S. Thomé. — O atchilólin

(Cliche da Photographia Africana — S. Thomé).

Por mais tragicos, porém, que para nós, simples mortaes, impotentes contra as grandes convulsões da natureza, se nos apresentem aquelles phenomenos, elles não passam, sob o ponto de vista geologico, de insignificantes movimentos, ligeiros tremores da epiderme do globo. Quasi não ha dia ou hora em que a terra não seja agitada n'um ou n'outro ponto. O relevo das montanhas e a configuração das costas modifica-se constantemente, quer de um modo lento, e, por assim dizer, insensivel, como nos grandes massios do Canadá e da Noruega e ainda na Hollanda, cujo territorio continúa a baixar, quer por abalos bruscos e sacudidos em regiões perfeitamente caracterizadas, que nem sempre coincidem com as zonas em que domina o vulcanismo.

A Suissa, por exemplo, em cujos terrenos se não encontra o mais pequeno bocado de rochas vulcanicas e que está longe de qualquer centro vulcanico em actividade, é uma região muito castigada dos tremores de terra, alguns dos quaes teem assumido as proporções de terribes catastrophes humanas, semeando o luto e a dôr, como o que destruiu a cidade de Bale em 1356, o de Brigue em 1755, pouco depois do que assolou a cidade de Lisboa, e o de Viège, em 1855. Quasi se pôde dizer que se não passa um quarto de seculo sem que aquelle pequeno e montanhoso paiz não seja flagellado por uma d'estas grandes convulsões.

A sciencia, não podendo ainda explicar, de um modo positivo, as causas d'estes phenomenos, pois só ha pouco tempo, relativamente, recolhe elementos de observação conscienciosa, methodica e scientifica, distingue, todavia, duas especies de tremores de terra, os vulcanicos e os não vulcanicos. Uns e outros teem uma origem muito superficial. As curvas da propagação, fornecidas pelos sismographos, denunciam que as ondas vibratorias que, muitas vezes, se transmitem de um a outro hemispherio, teem o seu ponto de partida a uma distancia da superficie que raras vezes excede a 7 ou 8 kilometros, e nunca a 30. Parece, portanto, que a antiga hypothese do fogo central que pretendia fazer-nos acreditar que o nosso planeta é uma fornalha ardente, liquida e gazosa, coberta por uma delgada crosta sólida, não tem que intervir na explicação do phenomeno, tanto mais que essa hypothese parece incompativel com o valor do



S. Thomé. — O lago Lembá

achatamento nos pólos e que o augmento de temperatura que se observa quando se profunda no sólo, parece que não continúa além de uma certa profundidade, 2 a 2,5 kilometros. Além d'isso, se o interior do globo fosse uma enorme massa fluida, difficilmente a delgada crosta resistiria ás marés provocadas pela attracção do sol e da lua, como as que se produzem nas aguas do oceano, ou, pelo menos, deveriamos sentir os seus effeitos duas vezes por dia, ainda quando mais não fosse, pelo trasbordamento, a horas fixas, de materias igneas das cavidades vulcanicas a que a hypothese considerada distribuía o papel de valvulas de segurança d'aquella caldeira monstro. Não. A temperatura das lavas vulcanicas e das fontes de aguas mineraes não provém do centro da Terra.

Os vulcões teem a sua origem em profundidades relativamente restrictas e são devidos a infiltrações da agua do mar que vae produzir combinações chemicas varias com certas rochas que tendê a decompôr. Por isso estas grandes manifestações igneas se dão todas á borda do mar. No interior das terras não ha vulcões; os que ali se observam extinctos estiveram outr'ora nas condições dos actuaes; ha, sim, innumeras fontes de aguas mineraes, manifestações mais modestas de infiltrações de aguas em menor escala, as das aguas das chuvas atravez dos filões graniticos.

Nas regiões vulcanicas os tremores de terra são pois devidos, segundo parece, á expansão dos gazes provenientes das accções chemicas locais e aos desmoronamentos internos do sólo que d'ahi resultam.

Mas se o nosso globo não é, como queria a hypothese do fogo central, uma immensa caldeira sob uma poderosissima pressão, é licito suppôr, todavia, que o interior do planeta esteja em temperatura muito superior á da agua a ferver. Com effeito, segundo o que se

pode suppôr sob o ponto de vista cosmogónico, a Terra foi no seu principio nebulosa e sol. A sua temperatura era então elevadíssima e, mesmo durante o reino da vida organica, a sua temperatura era ainda tão elevada que excedia em todos os pontos a que resulta do simples aquecimento solar, não havendo climas nem estações. Os fósseis da época carbonifera fornecem um testemunho irrecusavel de que n'aquella idade da Terra havia nos pólos a mesma vegetação que no equador, apesar da inclinação do eixo differir muito pouco da de hoje. N'estas condições, é muito provavel que o centro do nosso planeta não seja solido, nem liquido, nem gaseoso, mas sim pastoso, até completo resfriamento.

A sua temperatura interior deve ser ainda hoje de alguns mil graus, mas, girando no espaço no meio d'um frio de 270 graus abaixo de zero, e recebendo apenas o calor do sol, o globo continuará a resfriar, condensando-se, contrahindo-se, diminuindo de volume, acompanhando a camadas terrestres exteriores esses movimentos de contração do nucleo central, e d'ahi rupturas, apertos e deslocamentos n'aquellas camadas. Para o planeta é um incidente natural, quotidiano e insignificante, uma ligeira tremura; para a humanidade é muitas vezes uma enorme catastrophe.

Assim explica a sciencia os tremores de terra não vulcanicos, que se dão com mais frequencia nas regiões da crosta mais fraca, perfeitamente determinadas pela geologia.

Outras causas concorrem de certo para esses effeitos, menos importantes que a apontada, mas que nem por isso deixam de fazer sentir a sua influencia, maior ou menor.

Assim as chuvas, infiltrando-se atravez das camadas superficiaes do solo, penetram nas camadas inferiores, formam correntes subterraneeas, atacam as rochas, cavam abysmos, combinam-se com os mineraes, chegam a regiões mais quentes, vaporizam-se e ahi temos a origem d'um tremor de terra mais ou menos violento. Ajuntemos que o calor solar exerce tambem uma tal ou qual influencia, assim como a attracção do sol e da lua, pois que é muito maior o numero de tre-

mores observados nas conjuncções que nas quadraturas, assim como quando a lua está no perigeu do que no apogeu e ainda quando a lua está no meridiano do que quando está no horizonte.

A influencia da pressão atmospherica é tambem innegavel, pois numerosos phenomenos d'este genero foram precedidos de perturbações atmosphericas anormaes. As catastrophes que em 1885 enlutaram a Hespanha, assolando as provincias de Granada e da Andaluzia, coincidiram com perturbações atmosphericas insolitas.

Os tremores de terra manifestam-se de variadissimas fórmas. Umavez é um movimento ondulatorio que agita o solo. Este parece, n'esse caso, um mar em que as arvores e alguns accidentes de terreno se assemelham a navios açoutados pelas vagas. Outras vezes são violentos abalos, de baixo para cima, que, segundo algumas narrações, chegam a projectar a grandes alturas homens, animaes e objectos moveis. Assim succedeu na Jamaica, em 1692, e em Riobamba em 1797. Tremores tem havido que se manifestam por movimentos de rotação. No tremor de terra de Santo Stephano, em 1782, as diversas partes de duas enormes pyramides quadrangulares deslocaram-se, girando, sem desabar.

Algumas vezes, ao mesmo tempo que se dá o movimento vibratorio, abrem-se no sólo grandes fendas por onde se sómem rios e cidades; d'estas fendas, algumas fecham-se immediatamente, esmagando tudo o que n'ellas cahiu.

São catastrophes perante as quaes temos que curvar a cabeça, soffrendo-lhes resignadamente as terriveis consequencias. A humanidade nada pôde contra taes fatalidades, no estado actual da sciencia.

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



S. Francisco de Salles

(Esculptura em madeira, de J. Fernandes Caldas
e pintura de Albino Barbosa — Villa Nova de Gaya)

Maria Gandida Parreira

Tal é o nome que firma um livro com o titulo simples e modesto de **Versos**, ha poucos dias saído do prelo.

Folheia-se o volume e lê-se de um folego sem quasi por tal se dar, tal a frescura das estrophes, entre as quaes se nos deparou alguma coisa ligeira e graciosa já conhecida d'esta Revista — *O res-tido de casa* — publicada por ella.

Saudámos a gentil e inspirada auctora, que tem o segredo de saber cantar entre sorrisos e lagrimas, e o segredo apreciavel de nos não prégar philosophias dentro de tiradas pretenciosas. Muita sin-geliza e muita alma. Um tudo nada de sentimento e uma pontinha de malicia ironica.

Eis o livro, de que extraimos, ao acaso, pedida a venia da praxe, este mimo:

A NINI

A minha irmã.

Já em creança ella era
De todas a mais sincera,
A mais fina e seductora!
Tanto que a gente d'aldeia
Chamava-lhe á bocca cheia
A Virgem Nossa Senhora!

A sua physionomia
Tinha um quê de sympathia
Tão simples, tão attrahente,
Que a propria simplicidade
Dava-lhe um ar de bondade
Que se impunha a toda a gente.

De pequena déra ella
Toda a sua alma singela
A um rapaz já conhecido;
E foi p'ra si esse o dia
Da mais intima alegria
Em que o chamou «seu marido».

Era um par tão engraçado
Quando iam de braço dado
Dar um passeio á tardinha,
Que o povo, ao vê-la passar,
Parava para a saudar,
Como se faz á rainha!

Veiu-lhe um dia... de França
Uma bonita creança
Cheia de encantos tambem.
E a sua expressão divina
'Inda mais se lh'illumina
Ao conhecer que era mãe.

Vão vê-la ao modesto lar!
E ante esse quadro sem par
Que toda a mulher seduz...
Eu ouvi que alguem dizia:
«Parece a Virgem Maria
Com seu menino Jesus».

Maria Gandida Parreira.

GAMILLO

A sua vida, o seu genio, a sua obra

POR
PAULO OSORIO

Este livro sobre Camillo é uma obra toda de carinhos e cuidados, não só pela admiração que o auctor tem pelo trabalho camilliano, mas ainda porque se dedicou a amar essa figura do gigante litterario nas paginas porelle escriptas e cuja expressão lapidar encantou a sua alma d'artista. Camillo, esse destrambelhado de nervos, temperamento voluvel d'homem de genio, soffrendo com a luz forte e com as neblinas, sensitivo extra-



Paulo Osorio

no, com seu quê d'um *tocado*, dedicando-se ao labor litterario n'um paiz onde essa tarefa se paga com o salario d'um trolha, teve, por essas difficuldades de vida e pela sua predisposição doentia, a existencia mais amargurada que nem a sua grande gloria compensou; teve, a par com as luctas pela vida, as temerosas batalhas moraes em que a vaidade se sente ferida e n'uma força extranha se recusa vencer para de seguida se detestar a victoria ao ver-se quanto ella é mesquinha e banal. Desde as primeiras paginas improvisadas, cheias de phantasia, sem forma, com que procarava ganhar o pão, a lucta começou e não acreditando no seu talento, umas vezes, sentindo-se, por outras, capaz de abalar montanhas, o escriptor foi vivendo e amando, soffrendo cruéis golpes no seu orgulho e apprendendo na escola das desditas a contar apenas com o seu esforço que gerou essa obra da sua segunda maneira, escripta alem dos trinta annos e com que enriqueceu a litteratura nacional. Como Balzac, na sua primeira phase, Camillo entregando-se ás novellas d'imaginação seguia bem o seu temperamento modificado depois pelo estudo sob o ponto de vista litterario, requintado na sua sensibilidade de nervos que devia produzir essa tragedia final, o tiro de revólver que matou, no casarão de Seide, esse pobre cego que tanta luz nos deu.

Pois é essa personalidade tão difficil, de tantas modalidades, o

amoroso d'hoje, desdenhoso d'amanhã, o crente d'agora, logo sceptico, o triste de momentos, o alegre d'outros, que Paulo Osorio descreve no seu livro sabido d'outro que fez successo e de que este é o aperfeiçoamento. E' toda a existencia de Camillo desde a meninice á morte, as phases da sua obra, a laboração do seu genio que n'essas quatrocentas paginas, que se leem com prazer, o auctor do livro nos dá, excitando sempre a nossa curiosidade de conhecer na intimidade os homens da envergadura d'esse infeliz escriptor que n'outro paiz teria morrido, aconchegado n'um lar opulento, a paga justa das suas obras primas. Mas a par d'essa descrição documentada da má existencia de Camillo apparece a analyse detalhada da sua ascendencia, das influencias que se exerceram n'elle, de todas essas gerações em que ha creaturas errantes pelos campos, loucas destrambelhadas, uma galeria propria para dar esse exemplar de genio, esse homem que participava do bohemio e do grave, do fervoroso crente e do revoltado, a figura excêntrica que foi tão instavel como a demonstrar que o individuo de genio não se lixa só n'uma commoção, vae antes impellido por muitas e successivas, n'uma apprehensão subita de sensações que o vulgar equilibrado não sente, pelo mesmo motivo porque uma aguia tem a visão bem differente d'um pobre palmipede de capoeira.

Camillo amando as aventuras como um homem d'outras edades, romantico excessivo e eterno, fazendo do amor a sua perpetua commoção, mas com ternuras successivas por varias mulheres, logo divinizadas na sua mente escaldante, percorrendo os caminhos como um conspirador de novella nas hostes de Mac-Donell, tocando a sua viola d'amoroso, batendo-se pelas cantoras, sendo no fim de tudo um esturdio que logo era chamado ao seu dever, cumprindo-o depois com febre e implacavelmente, entretendo-se dastanhescamente a bater-se contra uma cidade inteira nos seus livros, é bem a figura que podiamos imaginar ao lermos a sua obra, mas que Paulo Osorio nos define, nos mostra com uma clareza apreciavel, na forma elegante da sua prosa.

Depois ha a acompanhar o livro uma serie de notas sobre a obra do romancista e resaltando brilhantemente aquellas paginas em que fala do fim da vida do escriptor, d'esse tiro que o prostrou, do seu enterro humilde a atravessar as ruas do Porto, por entre a colera do burguez que finalmente via o inimigo morto e ainda lhe cuspiu injurias, enterro que foi uma vergonha para os artistas, para os escriptores, para toda essa gentilha mediocre comparada com elle e que o deixava ir assim para a ultima jazida, n'uma sege, sem acompanhamento, passando por entre as vaías dos lojistas da rua de S. João. E' realmente bello esse final com a sua revoluta sem mascara, com a sua queixa, atirada aos descendentes d'aquelles que viram passar o corpo do primeiro homem de letras d'este paiz, enterrando os chapéus nas cabeças que o escriptor analysara por dentro e por fóra nas paginas satyricas dos seus livros da segunda phase, n'essas folhas immortaes. Insiste tambem Paulo Osorio na idéa de um monumento a erguer a esse gigantesco obreiro litterario, mas decerto a sua voz como a de tantos outros perder-se-ha no arruido feito em volta dos mediocres que por ahi se reclamam n'um balburdiar de quem aneicia mais pela venda dos livros do que pela satisfação moral de os ter tratado com arte; decerto essa insistencia legitima, da parte d'um artista como Paulo Osorio, será mais uma vez esquecida porque vem ainda longe a época em que a justiça se fará, não a expensas das varias egrejinhas litterarias que para ahi ha com o nome d'associações, mas pelo culto vindo do coração d'aquelles que admiram com entusiasmo o pobre Camillo infeliz na vida e mesmo alem do tumulo.

ROCHA MARTINS.

Gravar quaesquer desenhos n'uma pequena placa de vidro ou de metal

Vamos descrever um processo muito simples de passar ao vidro ou ao metal quaesquer desenhos. A electricidade não intervem n'este entretenimento de utilidade incontestavel.

Executam-se os desenhos n'uma folha de papel consistente, recortam-se e colla-se o papel na placa de vidro ou de metal, previamente bem limpa e polida, tendo o cuidado de empregar boa gomma e enxugar muito bem a que se accumular nos bordos do papel. Mette-se em seguida a placa n'um caixilho que se fixa a um dos lados mais pequenos d'uma caixa de madeira rectangular, de forma alongada, com cerca de 25 a 30 centimetros de comprimento, na qual se introduz uma porção de esmeril grosso e egual peso de chumbo de caça, fechando-se depois a tampa guarnecida com uma tira de panno ou de feltro, afim de evitar que cáia o esmeril. Feito isto, vira-se a caixa de modo que fique para baixo o lado a que está fixo o caixilho e imprimem-se-lhe varias sacudidellas no sentido vertical. A mistura do chumbo e do esmeril, batendo alternadamente nas duas extremidades da caixa, atacará d'ahi a pouco a placa nos pontos em que não está protegida pelo papel. Terminada a operação tira-se o papel, molhando-o e enxuga-se a placa, na qual se encontrarão os desenhos reproduzidos em fosco sobre fundo brilhante.